

A revista *Claridade* e o discurso freyreano: regionalismo e aproximação entre a elite letrada cabo-verdiana e a metrópole portuguesa nos anos 1930

The journal *Claridade* and Freyrian speech: Regionalism and approach between the cape verdean literature elite and the Portuguese metropolis in thirty years

THIAGO MIO SALLA*

RESUMO: O PRESENTE ARTIGO TEM COMO OBJETIVO EXAMINAR O DIÁLOGO ESTABELECIDO ENTRE A PRIMEIRA FASE DA REVISTA LITERÁRIA *CLARIDADE*, PUBLICADA EM CABO VERDE, E O IDEÁRIO QUE VINHA SENDO CONSTRUÍDO POR GILBERTO FREYRE, NUM CONTEXTO DE RECONHECIDO INTERCÂMBIO LITERÁRIO E INTELCTUAL ENTRE A ENTÃO COLÔNIA PORTUGUESA NA ÁFRICA E O BRASIL. PARA TANTO, O FOCO SE CONCENTRARÁ NAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE POEMAS, CONTOS, TRECHOS DE ROMANCE E ENSAIOS ESTAMPADOS NOS TRÊS PRIMEIROS NÚMEROS DA PUBLICAÇÃO CABO-VERDIANA, ENTRE 1936 E 1937, E OS CONCEITOS DIFUNDIDOS, PRINCIPALMENTE, PELO *LIVRO DO NORDESTE* (1925) PELA GRANDE OBRA DO SOCIÓLOGO PERNAMBUCANO *CASA-GRANDE & SENZALA* (1933).

ABSTRACT: THIS ARTICLE AIMS TO EXAMINE THE DIALOGUE BETWEEN THE FIRST PHASE OF THE LITERARY MAGAZINE *CLARIDADE*, PUBLISHED IN CAPE VERDE, AND THE IDEAS THAT DEVELOPED BY GILBERTO FREYRE, IN A RECOGNIZED/WELL-DOCUMENTED CONTEXT OF LITERARY AND INTELCTUAL EXCHANGE BETWEEN THE THEN PORTUGUESE COLONY IN AFRICA AND BRAZIL. TO THIS END, THE FOCUS WILL BE CONCENTRATED ON POEMS, SHORT STORIES, EXCERPTS OF NOVELS, AND ESSAYS, PRINTED IN THE FIRST THREE NUMBERS OF THE CAPE VERDEAN PUBLICATION BETWEEN 1936 AND 1937, AND THEIR RELATIONSHIP TO FREYRE'S CONCEPTS, DISSEMINATED ESPECIALY IN HIS *LIVRO DO NORDESTE* (1925) AND IN HIS MAGNUM OPUS *CASA-GRANDE E SENZALA* (1933).

* Professor Doutor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), realiza um segundo Doutorado no programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras também da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), sob a orientação de Paulo Motta Oliveira.

PALAVRAS-CHAVE: REVISTA CLARIDADE, GILBERTO FREYRE, CABOVERDE, BRASIL, TRANSNACIONALISMO.
KEYWORDS: CLARIDADE MAGAZINE, GILBERTO FREYRE, CABO VERDE, BRASIL, TRANSNATIONALISM.

s claridosos e a busca das raízes cabo-verdianas

Editada em Mindelo, Ilha de São Vicente, a partir de meados da década de 1930, *Claridade* – revista de artes e letras representou um marco fundamental na cultura cabo-verdiana, delimitando um antes e um depois no *continuum* histórico e literário das ilhas (FERREIRA, 1987, pp. 81-82)¹. Tal centralidade estaria intimamente relacionada ao trabalho de afirmação e estudo das particularidades locais realizado pelos jovens à frente do periódico, empreendimento que teria colaborado de modo efetivo para a construção do sistema literário (MACÊDO, 2007, pp. 90-91), e, por sua vez, da identidade nacional do arquipélago (BRITO-SEMEDO, 2006). Em certo sentido, a iniciativa desse grupo de intelectuais, com destaque para a tríade formada por Baltasar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa², pode ser tomada como uma espécie de “gesto inaugural” de uma literatura que procurava afirmar sua especificidade, redescobrimdo sua “realidade social e psicológica”, num processo de aparente emancipação temática e formal em relação aos modelos lusos, com destaque para o hibridismo étnico e cultural que marcaria o discurso identitário construído sobre Cabo Verde desde então.

O nome da publicação seria originário do francês (“Clarté”)³, remontando às propostas antigüerra e esquerdistas lançadas em Paris, nos anos de 1920,

¹ Entre 1936 e 1960, de maneira assistemática, foram publicados nove números do periódico: dois em 1936; um em 1937; dois em 1947; um em 1948; um em 1949; um em 1958 e um último em 1960. A primeira fase da publicação, foco da presente análise, resume-se aos três primeiros números saídos entre 1936 e 1937.

² Autor do livro *Arquipélago* (S. VICENTE, 1935), que marcaria o nascimento da moderna poesia cabo-verdiana, tanto no que diz respeito ao tratamento crítico da situação das ilhas quanto em termos da linguagem empregada (MACÊDO, 2007, p. 90). Publicou ainda as coletâneas *Ambiente* (PRAIA, 1941) e *Caderno de um Ilhéu* (LISBOA, 1956). Esta última recebeu o Prémio Camilo Pessanha da Agência-Geral do Ultramar em 1956.

³ Em apreciação retrospectiva, Baltasar Lopes, um dos fundadores de *Claridade*, destaca que intervieram duas ordens de fatores na adoção do nome do periódico: “Por aquela altura era-nos familiar o pungente romance *Le feu*, de Henri Barbusse, que era em França figura importante se não dominante do grupo Clarté; por outro lado, tínhamos conhecimento da existência, na Argentina, de uma revista *Claridad*” (LOPES, 1986, p. XIII).

por Henri Barbusse. Em linhas gerais, tal escritor, sobretudo por meio de sua revista (também intitulada *Clarté*), procurava promover o pacifismo e desfazer a imagem negativa que se criava em torno da Rússia (PARAENSE, 2011, p. 12). A plataforma de Barbusse ganhou ressonância na Argentina por meio da revista *Claridad*, bem como no Brasil, onde, no Rio de Janeiro, foi editado um periódico de nome *Claridade* e, em São Paulo, sabe-se da formação do grupo Zumbi, composto por escritores operários e pequeno-burgueses (SCHMIDT, 2003, p. 213)⁴.

Todavia, divergindo de sua matriz nominal francesa, a revista cabo-verdiana, num contexto colonial marcado pela identificação das ilhas com o mundo português, abdicará de referências explicitamente políticas, sobretudo aquelas relacionadas à esquerda⁵. Como se verá melhor mais adiante, o foco do periódico se concentrará na recuperação das tradições do arquipélago sem sinalizar uma ruptura nativista, muito pelo contrário, em relação à metrópole, que, naquele momento, alinhava-se aos belicistas países europeus adeptos do fascismo.

Entre seus elos genealógicamente metropolitanos, *Claridade* revela-se tributária da revista coimbrã *Presença*. Tal vinculação pode ser detectada, logo de saída, pelas semelhanças entre o aspecto visual de um e de outro periódico: quer na tipografia arredondada escolhida para o título, quer no tipo empregado nos textos corridos, quer na diagramação em duas colunas das colaborações em prosa, entre outros aspectos, percebe-se que a revista cabo-verdiana tomou como modelo o projeto gráfico dos *presencistas*.

Essa similitude aparente decorreria, em sentido mais amplo, do papel fundamental que *Presença* teria desempenhado na mudança literária e cultural que agitou Cabo Verde nos anos de 1930 (FERREIRA, 1987, p. XXVII). Como

⁴ Ao atribuir-se o nome do líder do quilombo dos Palmares, num contexto de fortalecimento e expansão do movimento operário brasileiro, tal associação paulista procurava ratificar seu caráter libertário e combativo, bem como traduzir, em termos nacionais, a proposta mais ampla de luta contra as injustiças da sociedade de classes defendida por *Clarté*. Em folheto publicado pelo grupo Zumbi em 1920, encontra-se tanto uma convocação para que todos aderissem às suas bandeiras quanto o texto “*Clarté* – Manifesto dos intelectuais franceses aos seus colegas do mundo inteiro”, uma tradução das propostas da revista de Barbusse (PAULILO, 1999, p. 87).

⁵ Conforme destaca Cassiano Nunes, em sentido oposto ao esquerdismo das propostas de *Clarté*, Baltasar Lopes, assim como Gilberto Freyre, “foi até admirador de Charles Maurras, apóstolo da direita” (NUNES, 1996, p. 103).

aponta Manuel Ferreira, tal publicação portuguesa teria se destacado pela “liberdade de criação (...), atacando uma literatura insípida de fim de século, refletindo e estruturando todo o impacto saudável de *Orfeu* (...) proclamando a necessidade de modernidade, de sinceridade, de valorização da literatura nacional” (FERREIRA, 1988, p. 87). Por mais que o projeto presencista, focado em dramas de matiz intimista e transcendental, desconectados de preocupações políticas e nacionais, fosse alvo de duras críticas (sobretudo da parte dos neorrealistas, com os quais, em teoria, os claridosos deveriam ter mais afinidade ao assumirem a bandeira de fincar os pés na própria terra⁶), ele teria aberto possibilidades para uma nova dizibilidade artística, em conformidade com as novas modalidades de gosto que se iam construindo na metrópole. Nesse sentido, a importação desse modelo de prestígio conferia legitimação estética às letras do Arquipélago, bem como indicava a “subordinação da produção intelectual cabo-verdiana aos referenciais da intelectualidade portuguesa” (ANJOS, 2006, p. 104).

Ao mesmo tempo, a perspectiva psicologista privilegiada por *Presença* orientava-se pela inscrição do individual e do nacional, humanizados, num discurso mais amplo de cariz globalizante. De certa maneira, essa diretriz de validação do “particular” em função do “universal”, despida, todavia, da prevalência intimista comum aos presencistas, orienta o processo de diluição/integração cultural e social proposto pelos claridosos. Estes, no seu intento de dar visibilidade às “particularidades ‘lusitanas’ da cultura cabo-verdiana, acabavam por se converter em esteio seguro de defesa do universalismo da cultura portuguesa” (FERNANDES, 2002, p. 80). Não por acaso, *Claridade* foi saudada pela revista coimbrã como “a primeira manifestação de autêntico espírito moderno português fora da metrópole”, cujo “particularismo indiscutível e personalidade própria” sabia integrar-se no universal sem perder as suas características” (FERREIRA, 1987, p. XXVII)⁷.

⁶ Por sua vez, a emblemática revista *O Diabo*, que serviu de plataforma para o movimento neorrealista português, não deixou de anunciar o lançamento de *Claridade*. “A referida publicação é de moderno e agradável aspecto gráfico e inclui na sua colaboração literária produções de grande interesse poético reproduzidas em dialecto crioulo. Saudamo-la cordialmente apresentamos-lhe desejos de merecidas prosperidades” (PUBLICAÇÕES, 1936, p.3).

⁷ Ainda a atestar a relação entre as publicações cabo-verdiana e portuguesa, têm-se: as colaborações poéticas de Jorge Barbosa, um dos mais renomados claridosos, estampadas em *Presença*; e a menção ao recebimento do periódico luso, no segundo número de *Claridade*, em agosto de 1936.

A cultura brasileira – as diretrizes freyreanas

Todavia, no rol das trocas culturais estabelecidas por *Claridade*, para além dos elos metropolitanos, a literatura brasileira ocupava lugar de destaque, sobretudo por oferecer a diretriz conceitual com que se empreenderá o movimento de descida à realidade cabo-verdiana. Em artigo de 1940, José Osório de Oliveira⁸ destacava que a maior prova da existência de uma “consciência de espécie transnacional ou supranacional”, entre “lusu-descendentes”, repousava no fato de a produção literária do Brasil, sobretudo a nordestina, “ter provocado, por assim dizer, a eclosão de uma literatura cabo-verdiana” (OLIVEIRA, 1942, p. 43). As fontes brasileiras que “abriram os olhos dos cabo-verdianos” teriam sido Ribeiro Couto e Jorge de Lima na poesia; José Lins do Rego e Jorge Amado no romance; Arthur Ramos e Gilberto Freyre, no ensaio. “Foram esses descobridores da realidade brasileira que ensinaram aos poetas e prosadores crioulos o caminho para a formação de uma literatura original” (*Idem, ibidem*). Entre os poetas, cumpre acrescentar ainda o nome de Manuel Bandeira. Segundo Baltasar Lopes, “Evocação do Recife” teria lido como um “alumbramento”, “que, salvo um ou outro pormenor, eu visualizava (...) na minha vila da Ribeira Brava” (LOPES, 1956, pp. 5-6).

A referência a “Evocação do Recife” não seria gratuita. Ao recuperar a produção de um dos principais escritores do modernismo brasileiro, Baltasar Lopes confere destaque a um poema de cunho regionalista e memorialista, que foi publicado originariamente no *Livro do Nordeste*, caderno comemorativo do centenário do jornal *Diário de Pernambuco*, publicado em 1925, sob o comando de Gilberto Freyre.

Nessa obra organizada pelo sociólogo pernambucano, deixava-se de lado o tom celebrativo em favor da demarcação dos limites de uma cultura regional, num processo claro de autocentramento e de reabilitação do Nordeste. Valendo-se de certo caráter multidisciplinar, em que se harmonizavam dados

⁸ Funcionário do Ministério das Colônias, crítico literário e ativo divulgador das literaturas brasileira e cabo-verdiana. Com relação a Cabo Verde, destaque para os seguintes textos, recolhidos em diferentes obras de sua produção ensaística: “As ilhas adjacentes de Cabo Verde” e “Uma poesia ignorada” (OLIVEIRA, 1931, pp. 127-157 e 170-174); “As ilhas crioulas” e “Afinidades de Cabo Verde” (OLIVEIRA, 1934, pp. 117-133 e 135-143); e “Possibilidades e significação de uma literatura cabo-verdiana” (OLIVEIRA, 1942, pp. 39-45).

técnicos e humanísticos, bem como se rejeitavam as barreiras entre os diferentes campos intelectuais em favor do conceito mais amplo de região, o livro procurava inventariar diversos aspectos da vida nordestina que estariam em vias de extinção em decorrência da preponderância de um modernismo apressado. Como estratégia de combate, erigia-se um amplo mural das “raízes telúricas, tradicionais, orais, populares, folclóricas” de tal porção do país, em que já era possível divisar o embrião do conceito de comunidades tropicalmente transregionais, central para o pensamento dos claridosos (FREYRE, 1996, pp.153 e 156).

De modo análogo, *Claridade* representou uma tentativa de se plasmar a especificidade do arquipélago mediante a construção de um mosaico variado de temas e assuntos que tinham o fito de valorizar e resgatar o legado das tradições locais. Não por acaso, juntamente com poemas, contos e trechos de romance (de cores marcadamente locais), o periódico também procurava explicitar, por meio de breves ensaios e apontamentos, dados e informações sobre a história social e econômica das ilhas, bem como esquadrihar a psique cabo-verdiana⁹. Em tais escritos de cunho dissertativo, o suporte teórico das ideias de Gilberto Freyre, subjacente nas produções ficcionais, tornava-se mais aparente.

No texto “Apontamento”, João Lopes se propõe a realizar um ensaio sobre a divisão da ilha entre dois grupos culturais distintos: o latifundiário, patriarcal e escravocrata de Santiago, de um lado; e o minifundiário e híbrido, presente nas outras ilhas, sobretudo em Barlavento, do outro. Não por acaso, em termos aculturativos, os naturais da ilha de Santiago (*badios*) estariam em desvantagem ante os originários de Barlavento, uma vez que herança afro-negra seria mais forte entre aqueles do que entre estes últimos, cuja prevalência era de assimilados/mestiços (FERNANDES, 2002, p. 94; Anjos, 2006, p. 119).

Em virtude da insuficiência de materiais de estudo, João Lopes preenche as lacunas de seu trabalho com ilações retiradas do cenário atual do arquipélago e, “subsidiariamente dos estudos levados a efeito no Brasil, para explicação

⁹ No primeiro número da revista, a capa ostenta inscrições em crioulo cabo-verdiano. Observam-se ainda os poemas “Écran” e “Almanjarra”, respectivamente de Manuel Lopes e Osvaldo Alcântara (pseudônimo Baltasar Lopes), entre outros. Em prosa, têm-se os breves ensaios de João Lopes (“Apontamento”) e Manuel Lopes (“Tomada de vista”), bem como “Bíbia”, excerto do romance *Chiquinho*, de Baltasar Lopes.

do fenômeno brasileiro, em cuja integração atuaram os dois fatores capitais da formação de Cabo Verde: o europeu e o afro-negro” (LOPES, 1936, p. 9). Apesar de apontar diferenças entre uma e outra formação populacional do arquipélago, o autor enfatiza que a relação entre elas seria marcada pela unidade e pela “interpenetração cultural”. Em chave mais escancaradamente freyreana, de fato, grande referência para o discurso da mestiçagem cabo-verdiano (ANJOS, 2006, p. 108), valoriza a colonização lusitana, que teria propiciado um ambiente de “grande liberdade humana” em oposição aos empreendimentos coloniais anglo-saxônicos, responsáveis pela asfixia do “pobre negro em nome da grande Civilização” (LOPES, 1936, p. 9).

Em “Tomada de vista”, Manuel Lopes afirma que a alma cabo-verdiana seria marcada pela simplicidade e por contrastes e matizes desconcertantes, em que ganharia peso a oposição entre aventura e nostalgia. Haveria uma suposta simetria entre a obsessão de partir e a compulsão por voltar. Segundo o ensaísta, por mais que se adapte ao ritmo intenso e ao progresso vivido em outras paragens, ao retornar ao arquipélago, o cabo-verdiano “retrograda, torna a integrar-se na vida monótona, provinciana, remonta tranquilamente ao passado, como se o passo tanto para diante como para trás fosse a coisa mais natural do mundo” (LOPES, 1936, p. 5). O intelectual atribui a naturalidade desse aparente retrocesso, em que as conquistas obtidas em mundos distantes são esquecidas no retorno a sua “terra de insuficiências”, à suposta plasticidade e mimetismo do povo cabo-verdiano, capaz de se adaptar aos mais diferentes contextos¹⁰.

Como se percebe, Manuel Lopes estabelece diálogo com certas diretrizes interpretativas presentes em *Casa-grande & senzala*¹¹, sobretudo com a perspectiva conceitual de que “a força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira” residiria “na riqueza dos antagonismos equilibrados” (FREYRE, 2006,

¹⁰ Vale destacar que essa plástica adequação ao meio, supostamente extensível e inerente aos povos do Atlântico lusófono, ganha conceituações não só na obra de Freyre, mas na de diversos outros autores, entre os quais Fernando Pessoa. Retome-se, de modo mais específico, o texto “Há três espécies de Portugal, dentro do mesmo Portugal”, em que o poeta destaca a “adaptabilidade instintiva” como parte integrante da mentalidade portuguesa (PESSOA, 1978, pp. 81-83).

¹¹ O próprio Manuel Lopes destaca que *Casa-Grande & Senzala* exerceu grande influência entre os cabo-verdianos (BARROS, 1998, p. 199). Teixeira de Sousa afirma que havia quem dormisse com o livro “na banquinha da cabeceira e o manuseasse com o mesmo fervor com que os crentes leem as Sagradas Escrituras” (SOUSA, 1951, p. 31).

418). Ao adaptar para Cabo Verde as propostas analíticas de Freyre, o autor detectava que a vida no arquipélago seria marcada pela oposição entre contrários (aventura e enraizamento; expansionismo e prudência; fuga da pobreza e nostalgia do retorno), da qual não emergiria nenhuma dialética, mas sim a harmonização de tais “contrastes e matizes desconcertantes”. Diante desse processo, Lopes, em chave conservadora, acabava por exaltar não a possível luta para a superação das mazelas nacionais, mas sim a capacidade do povo cabo-verdiano em se ajustar plasticamente às adversidades de sua terra, submetida pelo jugo colonial português.

Em certo sentido, tal diretriz foi literariamente trabalhada por Jorge Barbosa em “Vertigem”, poema estampado no segundo número de *Claridade*. Nesta composição, logo nos primeiros versos, observa-se que o eu lírico encontra-se diante de um alto penhasco, flertando com o suicídio. Se simplesmente caísse, tal como uma “pedra desgarrada” da montanha, imagina que não teria a sensação da morte. O dilema ante o “abismo vertiginoso”, bem como a identificação com rocha cadente podem ser tomados enquanto índices de uma vida íngreme e pedregosa, que encaminharia o sujeito escarpado e mineralizado a uma fuga extrema.

Contudo, o desejo de suicidar-se se dissipa quando, do lado oposto ao penhasco, o eu lírico visualiza a casaria da vila onde morava, “uma aguarela sem estética / que tem no entanto / uma harmonia / tão inocente e tão alegre” (BARBOSA, 1936, p. 6). Em função de “todo o encantamento do quadro humilde”, o impulso mortal desaparece, e a alma do sujeito poético é invadida por uma torrente de ternura. Nesse movimento, exalta-se o alumbramento proporcionado pela vida simples, que tempera a vontade de evadir-se e termina por fazê-la sucumbir. Num conformismo “feliz”, as mazelas permanecem (a montanha continua alcantilada, e rochas continuam a se desprender dela), mas os habitantes do lugar, inebriados pela beleza da vida em seu torrão natal, encontram na paisagem singela e nas tradições locais o equilíbrio necessário para continuar existindo, “com o coração contente” (*Idem, ibidem*).

Se, por um lado, essa proposta de harmonização de contrários, com foco na exaltação das particularidades da vida simples e tradicional do arquipélago, colocava a resiliência dos cabo-verdianos em primeiro plano, por outro, acabava por conceder grande valor à mestiçagem. Todavia, ao louvar o crioulo, acabava-se por destacar que a dissolução/liquefação do elemento negro seria

um dos aspectos positivos do dinamismo da colonização portuguesa, marcada pelo hibridismo e pela aculturação. Tome-se uma vez mais o ensaio de Manuel Lopes, visto anteriormente:

É vulgar verem-se desembarcar nestas ilhas africanas, principalmente em S. Vicente, estrangeiros sedentos de exotismos, com aquela doentia curiosidade de quem pisa terras de África e, por conseguinte, terras de mistério, e, que ao cabo de meia hora de cirandagem, tornam a embarcar desiludidos e azedos, porque nada de novo colheram, nenhum mistério desvendaram: não viram manipansos, não assistiram a sequer uma sessão de magia negra. O problema do cabo-verdiano é menos de ordem tradicional e estático, que cultural e dinâmico (LOPES, 1936, p. 5).

Na afirmação da identidade cabo-verdiana procurava-se, assim, afastar o *ethos* africano das ilhas em favor de um discurso localista e provinciano que pretendia reforçar o lugar de Cabo Verde no mundo luso-tropical construído pelos portugueses. Se aqui se escutam ecos das ideias freyreanas, também se podem identificar traços do discurso presencista de louvor à *Claridade* que enfatizava a integração do arquipélago ao “universal sem perder as suas características”. De acordo com tais perspectivas, a afirmação da singularidade insular caminhava lado a lado à ratificação da similaridade entre colônia e metrópole, num discurso de aproximação e não de afastamento. Como destaca Osório de Oliveira, em texto estampado na própria revista *Claridade*, a empreitada cultural de “descoberta da própria terra” conduzida pelos claridosos atestaria que o “alto nível mental dos cabo-verdianos é, há muito, uma das maiores provas da excelência da colonização portuguesa e da nossa capacidade colonizadora” (OLIVEIRA, 1936, p. 4).

Localismo e reconfiguração da participação política

No Brasil, a perspectiva localista de Gilberto Freyre resultou na construção de uma totalidade cultural regional como reação à perda do poderio econômico e político por parte do Nordeste ante o Sul do país. A ênfase nas especificidades locais nasce, assim, do reconhecimento de uma derrota, ou seja, da marginalização do espaço nordestino na rede de poderes do país. No imaginário brasileiro, a antiga pujança dos engenhos de cana-de-açúcar

dava lugar ao atraso e às mazelas decorrentes das secas. Em contraposição a esse cenário, Freyre opta pela tradição, pela defesa de um passado em crise, num discurso nostálgico que opera por analogias. Busca-se assim valorizar a cultura de cunho regionalista, elevando-a à condição de matriz da brasilidade. Mediante tal estratégia, visava-se a reabilitar o Nordeste, restituindo-lhe a antiga força num contexto de reconfiguração política que antecede e sucede a Revolução de 1930.

De modo análogo, no exame do processo de afirmação da identidade cultural de Cabo Verde realizado por *Claridade*, também se deve considerar, ainda que sumariamente, as implicações políticas e econômicas do papel desempenhado pelo arquipélago no concerto colonial português. Ainda em 1928, em palestra intitulada “Ilhas Adjacentes de Cabo Verde”, proferida na Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, José Osório de Oliveira sublinhava que a importância material do arquipélago não se comparava à das demais colônias portuguesas em África. Nesse sentido, Cabo Verde interessaria pouco à metrópole. Em regra, as notícias que de lá chegavam a Portugal diziam respeito apenas às secas que faziam gritar os esfomeados (OLIVEIRA, 1931, pp. 124 e 133).

Todavia, em meio a esse cenário de marginalização e depreciação, haveria algo positivo em Cabo Verde. Osório de Oliveira enfatiza que o maior tesouro das ilhas seria imaterial: elas atestariam o sucesso do domínio colonial português em solo africano e sinalizariam potencialidades futuras para a “civilização lusíada”. Segundo ele, os cabo-verdianos mostrariam um amor genuíno pela metrópole, deixando de lado um sentimento nativista. Nesse sentido, o arquipélago é encarado como a maior demonstração da “capacidade colonizadora” lusa (*Idem*, p. 139), fazendo-se urgente a necessidade de se conhecê-lo melhor, pois sua riqueza estaria na cultura local, no modo como se processou a harmonização entre portugueses e originários das ilhas, item tomado como a prova maior da plasticidade da empresa colonizadora promovida por Portugal nos trópicos. Portanto, fincar os pés na realidade insular seria uma estratégia para se apreender as especificidades de um modelo colonial de sucesso, que depois poderia ser replicado nas demais possessões coloniais portuguesas. Ao mesmo tempo, o tratamento literário da vida insular poderia aliciar jovens à causa ultramarina, favorecendo o engajamento de potenciais quadros administrativos. Em resumo, descer ao chão crioulo, de acordo tal

perspectiva, seria um modo de aperfeiçoar as estratégias de dominação do império lusitano¹².

Prova de que, a partir de *Claridade*, não somente as secas, mas a própria produção cultural do arquipélago passou a chamar a atenção da metrópole, pode-se ser encontrada na publicação de poemas, contos, trechos de romances e artigos de Manuel Lopes, Jorge Barbosa e Baltasar Lopes em periódicos do Estado Novo luso. Em *O Mundo Português*, revista editada em parceria pela Agência-Geral das Colónias e pelo Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), entre 1934 e 1947, a colaboração voltada a Cabo Verde destacava-se pelo valor cultural e intelectual (NETO, 2012, p. 213), construindo a imagem de um arquipélago quase idílico, bem diferente “daquela que até os anos 1920, apenas se fixava nas tragédias da fome” (COUTINHO, 2008, p. 184)¹³.

Entre 1942 e 1948, em *Atlântico – revista luso-brasileira*, publicação secretariada por José Osório de Oliveira e editada conjuntamente pelo SPN e por seu congêneres brasileiro, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), é farta a colaboração dos claridosos. Logo no número de estreia, tem-se a publicação de “O Sr. Euclides Varanda”, capítulo do “primeiro romance cabo-verdiano”¹⁴, *Chiquinho*, de Baltasar Lopes. Na medida em que passava a reivindicar uma fisionomia própria dentro do “mundo lusíada”, atestando, como queria Gilberto Freyre, “‘a unidade de sentimento e de cultura’ que o povo português conseguiu estabelecer com os seus processos de colonização”, Osório de Oliveira sublinha que o arquipélago estaria representado em todos os números de *Atlântico* (OLIVEIRA, 1942b, p.171). Nos volumes

¹² Como mostra da anuência dos claridosos em relação a tais ideias, observa-se que a referida conferência de Osório de Oliveira ganhou, em *Claridade*, a aprovação elogiosa de Manuel Lopes. Ele a considerou mostra da “atitude de desassombro, de justiça e, sobretudo, de combate”, manifesta por “este lúcido e sereno amigo de Cabo Verde” (LOPES, 1937, p. 9).

¹³ Além de autores claridoso como Jorge Barbosa e Pedro Corsino, a revista oficial conferiu espaço a vultos literários da geração anterior, entre os quais estariam Eugénio Tavares, José Lopes e Pedro Cardoso. José Osório de Oliveira também publicou nela uma série de artigos sobre a mestiçagem e a psicologia do arquipélago (COUTINHO, 2008, p. 185). Vale ainda ressaltar que a colaboração de Jorge Barbosa com veículos estadonovistas estendeu-se pelos anos 1960. Na Torre do Tombo, há uma carta desse poeta à *Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo* em que ele trata da publicação de dois de seus poemas (BARBOSA, 1962).

¹⁴ Quando, de fato, *Chiquinho* é publicado, o fato não passa despercebido pela revista, que faz menção elogiosa ao livro: “Cabo Verde inteiro está nessas páginas com a sua mistura de amorabilidade e de fatalismo, debruado de altivez; com a núpcia da aventura e da modorra, que é substrato dispar da sua alma coletiva” (PARREIRA, 1948, p. 131).

subsequentes da revista, encontram-se poemas de Jorge Barbosa¹⁵, nova colaboração de Baltasar Lopes¹⁶, bem como textos ficcionais e críticos de Manuel Lopes¹⁷. Ao revelar a “existência literária de um núcleo de civilização lusíada nas ilhas crioulas de Cabo Verde”, toda essa produção singular procurava construir, em chave regionalista, um novo horizonte político e cultural para o arquipélago no interior do mundo colonial português, valendo-se de um discurso identitário de aproximação, não de ruptura, em relação à metrópole.

Conclusão: aclarando horizontes locais num concerto mais amplo

Nesse sentido, o discurso regionalista de Gilberto Freyre, que, se por um lado valoriza os elementos negro e mestiço, mas por outro reforça, em chave conservadora, a plasticidade e o suposto caráter democrático da colonização lusa¹⁸, acaba por ensejar um movimento aparentemente contraditório da parte dos claridosos: ao mesmo tempo em que partem em busca das raízes nacionais e valorizam o chão crioulo, não questionam a dominação colonial, muito pelo contrário, a busca pela suposta cabo-verdianidade cumpriria o papel de dar a conhecer Cabo Verde a Portugal e, assim, enquadrar melhor o arquipélago no mundo luso-tropical, reforçando os laços que o uniam à metrópole. Ao mesmo tempo, esse processo de “desdiferenciação vertical”, ou seja, de busca de pontos comuns entre a elite letrada arquipelágica e os portugueses metropolitanos, fez parte da estratégia dos primeiros que, na busca por prestígio, postulavam posições qualificadas nos quadros administrativos coloniais (FERNANDES, 2002, pp. 96-97).

¹⁵ “A velha pasta do poeta” (n. 4, nov. 1943); “Você, Brasil” (nova série, n. 1, maio 1946); e o conjunto “Viagens”, “O jovem estrangeiro” e “Não era para mim” (nova série, n. 2, set. 1946).

¹⁶ Trata-se do poema “Itinerário de Pasárgada” (n. 3, fev. 1947), no qual Baltasar Lopes utilizou seu pseudônimo Osvaldo Alcântara.

¹⁷ Mais especificamente, os escritos “Chuva” (n. 3, 1943) e “Poemas cabo-verdianos” (nova série, n. 4, jun. 1947).

¹⁸ Sobre até que ponto teria chegado o culturalismo de Freyre na justificação e na aceitação de todo um complexo sociocultural marcado pela violência e pela exclusão, destaca Antonio Candido, em 1945: “Suas últimas obras descambam para o mais lamentável sentimentalismo social e histórico; para o conservadorismo e o tradicionalismo. Enamorado de seu ciclo social luso-brasileiro, é levado a arquitetar um mundo próprio, em que se combine o progresso e a aceitação dos traços anteriores característicos” (CANDIDO, 1945, p. 39).

Diante de tal postura, avulta, no discurso literário e ensaístico, a analogia de fundo político e econômico entre o movimento regionalista nordestino e a posição adotada pelos intelectuais de *Claridade*. Além das semelhanças étnicas, geográficas e culturais, tanto a região Nordeste do Brasil como Cabo Verde encontravam-se, naquele momento histórico, numa situação de decadência e de marginalização em relação a seus respectivos centros dirigentes. Nesse cenário, ao chamarem atenção para suas particularidades e tradições, procuravam não romper seja com Estado brasileiro, seja com o Império luso (Barros, 2008, p. 198), mas sim tentar aumentar seu prestígio e sua participação em relação a tais estruturas de poder.

Referências Bibliográficas

- ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: Lutas de definição da identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- ATLÂNTICO – revista luso-brasileira. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional de Lisboa; Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda, 1942-1947.
- BARBOSA, Jorge. *Arquipélago: poemas*. S. Vicente: Editorial Claridade, 1935.
- _____. “Vertigem”. *Claridade*, Mindelo, São Vicente, n. 2, p. 6, mar. 1936.
- _____. *Ambiente*. Praia: Minerva de Cabo Verde, 1941.
- _____. Carta a Ramiro Valadão (Diretor de *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, Secretariado de Propaganda Nacional). 6 nov. 1962. Localizada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, caixa 3912.
- CANDIDO, Antonio. “Depoimento de Antonio Candido de Mello e Souza”. In: NEME, Mário (org.). *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945, pp. 21-40.
- CLARIDADE – revista de arte e letras. Mindelo, Ilha de São Vicente: Grupo Claridade, 1936-1937.
- COUTINHO, Ângela S. B. “Imaginando o combatente ideal do PAIGC – a construção dos heróis nacionais na imprensa do pós-independência na Guiné-Bissau e em Cabo Verde”. In: TORGAL, L. R., PIMENTA, F. T. e SOUSA, J. S. (coords.). *Comunidades imaginadas: nações e nacionalismos em África*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, pp. 173-192.

- BARROS, Víctor. “As ‘sombras’ da *Claridade* – entre o discurso de integração nacional e a retórica nacionalista”. In: TORGAL, L. R., PIMENTA, F. T. e SOUSA, J. S. (co-ords.). *Comunidades imaginadas: nações e nacionalismos em África*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, pp. 193-217.
- BRITO-SEMEDO, M. *A construção da identidade nacional*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006. FERNANDES, Gabriel. *A diluição de África: uma interpretação da saga identitária cabo-verdiana no panorama político (pós)colonial*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- FERREIRA, Manuel (org.). *Claridade, revista de cultura e arte (1936-1960)*. Lisboa: ALAC, 1986.
- _____. “O texto brasileiro na literatura cabo-verdiana”. In: LITERATURAS africanas de língua portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian; ACARTE, 1987, pp. 81-105.
- FREYRE, Gilberto (org.). *Livro do Nordeste* (edição fac-similada). 2ª edição. Recife: Arquivo Público Estadual; Secretaria da Justiça, 1979.
- _____. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 50ª edição. São Paulo: Global, 2006.
- _____. *Manifesto regionalista*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editor Massangana, 1996.
- _____. *O mundo que o português criou*. 1ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.
- LOPES, Baltasar. *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*. 1ª edição Praia: Imprensa Nacional, 1956.
- LOPES, João. “Apontamento”. *Claridade*, Mindelo, São Vicente, n. 1, p. 9, mar. 1936.
- LOPES, Manuel. “Tomada de vista”. *Claridade*, Mindelo, São Vicente, n. 1, pp. 5-6, mar. 1936.
- _____. “Tomada de vista (continuação)”. *Claridade*, Mindelo, São Vicente n. 3, p. 9-10, mar. 1937.
- MACÊDO, Tania. “*Claridade* e *Certeza*: duas revistas de Cabo Verde e seu diálogo com as literaturas de Portugal e Brasil”. In: TUTIKIAN, Jane e BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Mar horizonte – literaturas insulares lusófonas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, pp. 87-98.
- NETO, Sérgio. “São Tomé e Príncipe n’O Mundo Português”. In: ROQUE, Ana Cristina et al. *Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica*. Lisboa: ISCTE-IUL; IICT, 2012, pp. 207-216.
- NUNES, Cassiano. “Presença do Brasil em Cabo Verde”. *Ci & Tróp*, Recife, v. 24, n. 1, pp. 91-110, jan.-jun., 1996.
- OLIVEIRA, José Osório de. *Geografia Literária*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.
- _____. *Psicologia de Portugal*. Lisboa: Edições Descobrimento, 1934.

- _____. “Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil”. *Clareza*, Mindelo, São Vicente, Cabo Verde, n. 2, ago. 1936, p. 4.
- _____. *Enquanto é possível*. Lisboa: Edições Universo, 1942.
- _____. “Notas – Representação de Cabo Verde”. *Atlântico – revista luso-brasileira*, Lisboa, Rio de Janeiro, n. 1, 23 maio 1942b, p.171.
- PARAENSE, Maria Luzia de C. B. *O canto do galo, o pouso da mosca: exclusão social nas obras de Manuel Lopes e Graciliano Ramos*. 148p. + anexos. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.
- PARREIRA, Carlos. “Chiquinbo, romance cabo-verdiano”. *Atlântico – revista luso-brasileira*, Lisboa, nova série, n. 6, p. 131, 2 jun. 1948.
- PAULILO, Maria Célia de Almeida. “O episódio do grupo Zumbi”. In: *Tradição e modernidade: Afonso Schmidt e a literatura paulista (1906-1928)*. São Paulo: Annablume, 1999, pp. 85-90.
- PESSOA, Fernando. *Sobre Portugal: Introdução ao problema nacional*. Organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1978.
- PUBLICAÇÕES, *O Diabo*, Lisboa, n. 93, p. 3, 5 abril de 1936.
- SCHMIDT, Afonso. *São Paulo de meus amores*. São Paulo: Paz e terra, 2003.
- SOUSA, Teixeira de. “Uma visita desejada”. *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, Praia, n. 27, p. 31, dez. 1951.